



Sociedade & Cultura  
Kraveirinya Mpfumo  
Culture & Society

Em Moçambique, chantagem de guerra até quando? Há anos que eramos apreensivos da possibilidade de exploração das energias fósseis em Moçambique, e de pedras preciosas. Os ressentimentos viriam ao de cima pelos que ficaram de fora das negociações via poder político. Não se aprendeu com Angola. O petróleo não é de cor negra - é vermelha de sangue, assim como as pedras preciosas.

## MussaMbique não é a República Centro-Africana

Gás, petróleo, pedras preciosas, nunca alimentaram a maioria dos povos. A médio e longo prazo poderão contribuir para uma melhor qualidade de vida, mas dependerá das boas políticas de governação e se os negócios imediatos assim o permitirem. Onde há lucro há corruptores e corruptos. A corrupção para muitos é *'business.'* Infelizmente a história recente está recheada desses exemplos negativos.

Por outro lado, ao contrário do exemplo da República da África do Sul pós-apartheid, Moçambique e Portugal não tiveram uma Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação (CNVR).

O Brasil ainda que tardiamente iniciou esse processo em relação às atrocidades da ditadura militar (1964 -1985). Nesse âmbito foi criada em 2011 e instituída em 2012, a *Comissão Nacional da Verdade*. O distinto jurista José Paulo Cavalcanti Filho é nomeado membro da CNV.

Perguntou-me como foi o processo da 'Comissão Nacional da Verdade' em Moçambique. Agora respondo-lhe: em Moçambique não houve nenhuma 'Comissão da Verdade e Reconciliação' depois dos acordos de Paz de 1992 entre a Frelimo e a Renamo. (Quicá, muitos esqueletos mútuos, escondidos nos armários, terão impedido uma CNVR em Moçambique). O resultado é que as cicatrizes em Moçambique sempre continuaram abertas e agressivas..

Nesse contexto, com o *boom* "de desenvolvimento acelerado" via mega-projectos das grandes empresas multinacionais afluindo ao país, os chefes dos antigos rebeldes teriam se sentido fora desse processo de enriquecimento rápido.

No entanto esquecendo-se de que os grandes negócios internacionais são apoiados por máquinas de intervenção militar externa se necessário.

No passado recente, Angola, foi palco político da antiga guerra fria – ocidente versus bloco soviético - bóeres e UNITA versus cubanos socorrendo o MPLA. Mais tarde a guerra fria seria substituída pela actual 'guerra quente.' Depois dos trágicos eventos de 9-11-2001, paulatinamente, o capitalismo pós-moderno intervém directamente na defesa dos seus negócios em qualquer ponto do globo onde houver petróleo ou afim: Iraque, Afeganistão, Tunísia, Líbia, Egipto, das *primaveras árabes*. Mali, Israel-Palestina, estariam nesse processo.

Na África subsariana, mais entregue à sua sorte, recentemente, tem surgido uma mudança. A República Centro-Africana (RCA) dos diamantes e do ouro, mesmo assim, aparentemente é uma carta fora do baralho na política internacional. A França de François Hollande com receio de envolvimento neocolonialista europeu envia uma força expedicionária de protecção aos seus cidadãos e outros europeus na RCA. (Já em processo de retirada).

No entanto, esse paradigma não se adapta a Moçambique. Pois Moçambique não se enquadra em nenhum desses contextos. Infere-se que o actual governo de Moçambique seja o fiel depositário de grupos poderosos e consórcios instalados no país vindos dos continentes, americanos, europeu e asiático.

Ora, ao falar-se de corrupção a nível político moçambicano esquece-se sempre a causa: **os corruptores.**

Aliás é paradigmático esse contexto no filme *Syriana* baseado no romance de investigação de Robert Baer, *See No Evil* (não vejo o mal).

Nesse romance transcrito para o cinema de Hollywood, é peculiar a personagem de um dos magnatas de uma holding de investimentos e financiamentos, que controlam o mundo dos negócios. Este, ao ser questionado por um seu

assessor (Jeffrey Wright) se não seriam acções de corrupção as jogadas políticas e as cíclicas intervenções violentas manipuladas por homens de negócios para mudarem governos de países do terceiro mundo. O magnata responde com a maior frieza que no mundo dos negócios não 'há corrupção.' Vale tudo - é *business*, a máquina que move o mundo.

O filme é protagonizado por George Cloney agente da CIA arrependido e Matt Damon outro agente-diplomata. Isso para dizer que onde há corruptos, antes haverá os corruptores, que são os pagantes, a troca de domínio, poder. Até prova em contrário eles nunca deixaram cair os governos que lhes interessam, nem que tenham que envolver intervenções militares dos seus governos.

Sejam que siglas tiverem os blocos políticos, regionais ou internacionais, em última instância unem-se e intervêm militarmente contra qualquer "escândalo" – no sentido original do grego *skandal (olo)* referente a algo que obste a subida ou descida, nesse caso, da boa marcha dos seus mega lucros.

Concluindo: querer fazer uma tempestade num copo da água, digo **copo de sangue**, para chamar a atenção interna e externa, a Renamo, dá três tiros no pé pelas seguintes razões:

1º. Moçambique não é propriedade de nenhum partido ou movimento político (ao contrário do que disse em Manica o então PM Pascoal Mocumbi, do governo Chissano na década de 1990).

2º. O facto da Renamo mal ou bem ter contribuído para o fim do monopartidarismo em Moçambique, não lhe confere nenhuma legitimidade em querer fazer parte da distribuição desenfreada das riquezas naturais do país, imitando os piores exemplos que possam vir de alguns governantes. O processo eleitoral pode estar enfermeado, mas é a única via

do povo eleger os seus representantes sem medo. É necessário organizarem-se melhor sem interesses pessoais. A continuar assim, o processo histórico de Moçambique não absolverá nem a 'gregosnem-a-troianos' - isto é, a renamistas e a frelimistas. A escravatura já não devia existir em Moçambique para alguém ser refém de alguém.

3º. Moçambique corre o risco de uma intervenção militar conjunta de países da SADC, CPLP com apoio logístico anglo-americano, francês, brasileiro e o diabo a quatro. A favor de quem, não é preciso dizer. O resto será guerra de propaganda e contra-propaganda. Aliás já (re) começou.

**Conclusão:** Por outro lado, co-

mo é possível continuar a existir um movimento de assento parlamentar com milícia armada nunca desactivada desde 1992? Em que parte do mundo um governo reconhecido pela comunidade internacional de doadores, aceitaria esta situação? Muitas pessoas não têm noção do que dizem ao não refletirem friamente pesando os prós e contras. Para tal terão de ir à origem da situação. É que a Renamo na génese da sua fundação em 1976 nunca foi opção para o problema, mas sim outro problema a juntar-se ao proclamado problema existente de abuso de poder da Frelimo. A montanha pariu um rato.

Ora nas actuais condições em 2013, pela via da violência gratuita,

substituir um pelo outro nunca será solução nem aceite internacionalmente, pela simples razão de que se instalaria um vazio de poder. Moçambique seria um palco pior do que o da actual RCA. Com os cerca de meio milhão de estrangeiros em Moçambique estariam criadas as justificações para uma intervenção militar externa na evacuação desses expatriados, sobretudo europeus e asiáticos.

A tristeza de tudo isto é de que a maturidade política anda muito por baixo em Moçambique. A ganância do dinheiro fácil fala muito mais alto. Pobre povo moçambicano que não merecia ter muitas das figuras públicas de que tem. **KM**



Primeiro Governo Ultra-Revolucionário da FRELIMO em 1975. A hierarquia verifica-se pela posição de cada um na foto. À direita do Presidente mais chegados pela necessidade de consolidação de poder.

**Abril 2013: Êxodo em Muxínquê**



Imagens devida à Vénia aos autores via Google Images Layout KM



Governo da Maçaroca (Frelimo) protegido por interesses da Comunidade Internacional. A Perdiz (Renamo) também quer participar no Festim. E o Povo Moçambicano?

**Vista da Cidade da Beira**

**Capital do Centro e das Pescas de Moçambique**

**O Autarca**

Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada  
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira  
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br  
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão **SIM**, desejo assinar O Autarca por E-mail ( ), ou entrega por estafeta no endereço desejado ( )

Entidade.....  
Morada..... Tel..... Fax ..... E-mail .....

Individual ( ) Institucional ( ) ...../ ...../ 2013

Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 \* Institucional: 14.700,00